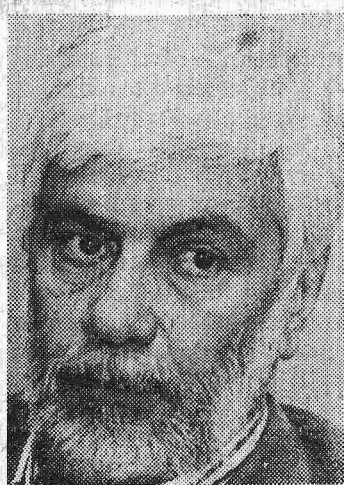


## O maior problema brasileiro é o crédito público, que precisa ser restabelecido



**T**odo mundo quer a retomada do crescimento. Mas não é tão simples. Se a demanda estiver crescendo a 10%, de quanto será o crescimento da economia? Depende do comportamento dos preços. Com uma inflação de 7%, sobrariam apenas 3% para o crescimento da produção, porque 7% seriam desperdiçados pelo aumento de preços. Logo, é um erro colocar todos os ovos na cesta da demanda ao defender o retorno do crescimento. Existe a esperança de que a demanda pode crescer, por exemplo, para 15% com os preços se mantendo em 7%, o que permitiria um crescimento de 8% da produção. Hoje, no Brasil, deveríamos defender um ponto de vista oposto. Ou seja, mantida a taxa de crescimento da demanda em 10%, vamos ver as condições para que a taxa de crescimento dos preços caia de 7% para 5%. Então, o mesmo aumento da demanda, em vez de gerar 7% de inflação e 3% do crescimento do PIB, iria gerar 5% de inflação e 5% de aumento do PIB.

Temos certa dificuldade para aceitar esta equação. O governo não tem como produzir crescimento real da economia tornando-se mais liberal na expansão do crédito, coletando menos impostos, liberando os preços industriais e agradando aos governadores. Do ponto de vista econômico, não vale a máxima franciscana, não é dando que se recebe. O problema fundamental brasileiro é a falta de crédito público. O governo precisa restabelecer o crédito público. Essa é a tarefa fundamental da nova equipe econômica. Mais mansa, mais macia, mais respeitosa das relações contratuais, a equipe precisa ser mais integrada, incorporando as qualidades do serviço público brasileiro.

A nova equipe, é certo, perdeu parte importante do caixa, porque o Banco do Brasil e a Caixa Econômica

Federal não vão estar mais sob seu controle, com os presidentes indicados em função de apoios políticos. Mas uma coisa é quem preside as instituições financeiras, outra são os diretores financeiros dessas mesmas instituições. O diretor financeiro do Banco do Brasil, Paulo de Tarso Medeiros, por exemplo, é uma pessoa totalmente integrada dentro do espírito de austeridade que forma a equipe econômica do Banco Central e do Ministério da Economia.

O problema dessa equipe é saber qual o espaço efetivo que ocupa no governo. É importante saber se o governo descambou para um populismo de direita ou está simplesmente fazendo jogo de cena para o eleitorado. O mais importante para a nova equipe econômica é mostrar que tem mandato político para controlar o caixa. A questão não é apenas de fluxos financeiros. Deve-se olhar também os mecanismos institucionais pelos quais os fluxos se materializam. Por que não começamos a pensar efetivamente em acabar com os bancos estaduais? Essa é a única maneira de controlar a moeda neste país. Vamos fechar os instrumentos que dão aos governadores a capacidade de imprimir dinheiro.

No curto prazo, para recuperar o crédito público, a nova equipe tem de administrar o dia-a-dia, evitando que o processo de descongelamento leve a uma explosão inflacionária. Se o crédito público em setembro estiver um pouquinho restabelecido, os cruzados provavelmente serão retidos voluntariamente. Pode ser um inveterado otimismo brasileiro, mas acho que a equipe entra com um mínimo de credibilidade. Até setembro ela deve mostrar que tem efetivo controle do caixa e consegue administrar o processo de descongelamento sem a retomada da inflação.